FORMAS DE VIDA: A INCOMUNICABILIDADE ENTRE HOMENS E LEÕES EM LUDWIG WITTGENSTEIN

“Se um leão pudesse falar, não poderíamos compreendê-lo.”

(Ludwig Wittgenstein)

Jordhan Gularte Francisco¹
Thiago Vasconcelos²

23

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo analisar o pensamento antropológico que pode ser alcançado a partir das considerações sobre o caráter pragmático da linguagem na filosofia de Wittgenstein. Mobilizando os conceitos de jogos de linguagem, seguimento de regras e formas de vida, este trabalho visa identificar como a filosofia wittgensteiniana traça as fronteiras entre humanos e não humanos, uma vez que o filósofo afirmou em *Investigações Filosóficas* que “se um leão pudesse falar, não poderíamos entendê-lo”.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Antropologia Filosófica. Formas de vida.

ABSTRACT: This research aims to analyze the anthropological thought that can be achieved from the considerations about the pragmatic character of language in Wittgenstein's philosophy. Mobilizing the concepts of language games, rule-following and forms of life, this work aims to identify how Wittgensteinian philosophy draws the borders between humans and non-humans, since the philosopher stated in his *Philosophical Investigations* that «if a lion could speak, we could not understand him».

KEYWORDS: Language. Philosophical anthropology. Forms of life.

INTRODUÇÃO

Ludwig Wittgenstein nasceu no dia 26 de abril de 1889, sendo o caçula da família. Membro de uma das principais famílias de Viena, recebeu uma

¹ Graduando em Filosofia pela Faculdade Vicentina (FAVT). Contato: Jordhanguarte98@gmail.com

² Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná em cotutela com a Universidade de Coimbra.

educação significativa. Foi discípulo e mestre de Bertrand Russell, convivendo alguns momentos com outros intelectuais da época, como Moore. Voluntário na Primeira e na Segunda Grandes Guerras Mundiais, tornou-se um filósofo singular do século XX. Em vida, como uma obra filosófica sistematizada, publicou apenas o *Tractatus Logico-Philosophicus*³.

Em 1953, dois anos após sua morte, vieram à luz do dia os pensamentos que lhe ocuparam cerca de dezesseis anos (1979, p. 7), os quais constituem a obra *Investigações Filosóficas*⁴. É sabido que a mesma não foi publicada em vida porque o filósofo austríaco constantemente revisava e aprofundava suas pesquisas, bem como se interessava por outras áreas – psicologia e matemática –, a fim de justificar seu pensamento filosófico.

Para a realização deste trabalho – a incomunicabilidade entre homens e animais – é imprescindível o conceito de *formas de vida*, presente nas *Investigações*. É possível encontrar em Wittgenstein não só uma análise da linguagem, mas uma antropologia⁵, como propõe Gebauer, em *O pensamento antropológico de Wittgenstein*. Não obstante a preocupação do filósofo ser a forma de vida humana, podemos estender a reflexão para a distinção entre a forma de vida humana e a forma de vida animal, uma vez que “se um leão pudesse falar, não poderíamos compreendê-lo.” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 216).

1. AS INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS E OS JOGOS DE LINGUAGEM

Depois de abandonar a filosofia e lecionar em uma zona rural da Áustria, em 1929 Wittgenstein retorna à Cambridge, desenvolvendo novas pesquisas. Deparando-se com diversos equívocos no *Tractatus*, o filósofo começa a rever, aprimorar e até a modificar pontos centrais na obra, ao ponto de ocasionar

³ Referir-nos-emos a esta obra como *Tractatus*.

⁴ Referir-nos-emos a esta obra como *Investigações*.

⁵ Por antropologia em Wittgenstein não se pretende afirmar que o autor elaborou uma teoria filosófica sobre o homem. Mas, a partir dos conceitos centrais das *Investigações Filosóficas* que tematizam a atividade humana da linguagem, busca-se sustentar a possibilidade de um enfoque antropológico em sua filosofia. Ainda que não haja uma definição precisa e uma teoria sistematizada sobre o homem, encontramos nas *Investigações Filosóficas* o pano de fundo antropológico, na medida em que a linguagem é uma atividade humana.

uma ruptura entre o pensamento do primeiro e do segundo Wittgenstein⁶. Um erro central condiz com a relação isomórfica entre linguagem e mundo, a qual pressupõe que exista uma forma lógica entre ambos, possibilitando que a linguagem seja uma imagem do mundo. Gebauer (2013, p. 65, grifos do autor) assevera que o despertar para essa questão surgiu de uma conversa com o seu amigo Piero Sraffa:

durante uma conversa entre ambos em Cambridge, no início da década de 1930, ele teria insistido na noção de que a proposição lógica e o estado de coisas por ela descrito têm a mesma estrutura interna – ao que Sraffa teria feito um gesto habitual em Nápoles, passando as pontas dos dedos no queixo e perguntando: ‘E que forma lógica tem isto?’. Um único movimento teria destruído a teoria da afiguração do *Tractatus*. Lendas como essa raramente narram eventos reais; descrevem, antes, um momento em que o resultado de uma longa reflexão vem à luz com um *insight* repentino. Os gestos correntes numa sociedade têm significados compreensíveis para todos, mas não possuem uma estrutura lógica nem uma relação afiguradora com o mundo. Eles não figuram de modo algum, mas são ações. Na época do evento narrado (1930-1931) Wittgenstein estava a ponto de se decidir pelo novo conhecimento de que os sinais obtêm seus significados numa ação prática coletiva.

Para as pessoas que participam da cultura napolitana, aquele gesto pode ser uma “figuração” do mundo. Para outras pessoas que não participam dessa cultura, todavia, não faz o menor sentido.

Isso significa que a linguagem não tem uma única essência, a saber, denotar o mundo, como o filósofo queria no *Tractatus*. Não existe a forma geral da proposição. Não existe uma única linguagem, mas várias linguagens, com seus variados usos. Grayling (2002, p. 90) assevera que “aqui [nas *Investigações*] Wittgenstein diz que não há uma ‘lógica da linguagem’, mas muitas; a linguagem não tem nenhuma essência única, mas é uma vasta coleção de diferentes práticas, cada qual com sua própria lógica.”, desenvolvendo o que o filósofo de Viena chama de jogos de linguagens.

Apesar de não ser uma afirmação dogmática, no § 22, consta que “o termo ‘jogo de linguagem’ deve aqui salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida.” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 18, grifo do autor). Isso significa que é impossível a linguagem ser uma imagem

⁶ A distinção “primeiro” e “segundo” não significa um rompimento total, mas parcial. Adotamos a distinção para fins didáticos, diferenciando as obras já referenciadas.

fidedigna do mundo, uma vez que ela varia de cultura para cultura, de religião para religião, de forma de vida para forma de vida. A correspondência entre linguagem e mundo é descartada pelas noções de jogo, uso e sentido. O gesto napolitano não é compreendido por quem não participa daquela cultura, mas, para os que participam, possui sentido, significado, pois é comumente utilizado naquele ambiente. Seguindo Vasconcelos (2016, p. 85),

o autor se opõe à possibilidade de que possamos submeter a linguagem a uma análise científica que explique as causas do seu verdadeiro significado, isto é, uma clarificação exata, causal e livre de ambiguidades. Wittgenstein ressalta, ao contrário, a heterogeneidade sob a qual o significado das palavras se encontra,

uma vez que as palavras não tem sentido *a priori*, mas somente dentro de um jogo de linguagem. Em razão disso, o filósofo vienense afirma: “não podemos adivinhar como uma palavra funciona. Temos de *ver* seu emprego e aprender com isso.” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 114, grifo do autor).

É perceptível a variedade de religiões que professam a crença em um único Deus, isto é, monoteístas, bem como entre as politeístas. Por conseguinte, Deus é relativo? Não se atendo ao nível ontológico e transcendental, tampouco dogmático, pode-se considerar a relação entre Ele e a humanidade como relativa. O modo dos budistas se relacionarem com o sobrenatural é diferente do modo como os hinduístas o compreendem, o qual é também diferente com relação ao cristianismo etc. O conceito de Deus pode pressupor algo único, total, singular, mas é notório que as tentativas de se relacionarem com Ele muda de cultura para cultura, de acordo com o jogo de linguagem de cada uma⁷.

Um cristão não pode compreender um ateu porque os jogos de linguagem são diferentes. Apesar de se respeitarem, há uma cisão entre o jogo de um e o jogo de outro. Em outras palavras, “o que é considerado preciso para uma receita de cozinha pode ser considerado terrivelmente impreciso na preparação de uma receita médica. Não tem sentido criticar ao cozinheiro por não ter rivalizado com os padrões do farmacêutico⁸.”

⁷ Isso ocorre porque as regras das linguagens são flexíveis, isto é, são acordadas, podendo em um período vindouro ser alteradas, como ver-se-á no seguimento de regras.

⁸ Le-se no original: “Lo que es considerado preciso para una receta de cocina puede ser considerado terriblemente impreciso en la preparación de una receta médica. No tiene sentido criticar al cocinero por no lograr rivalizar con los patrones de precisión del farmacéutico.”

(FANN, 1992, p. 80, tradução nossa). Talvez muitas das guerras ao longo da história da humanidade teriam sido evitadas se compreendessem que os jogos de linguagem eram diferentes. As mulheres não seriam queimadas se não fossem tidas como bruxas.

Com relação à estética, isso é decisivo. Segundo Monk (1995, p. 362, grifos do autor),

a apreciação artística assume uma variedade estonteante de formas, que diferem de cultura para cultura, e que muitas vezes consistirão em não se *dizer* coisa alguma. A apreciação será *mostrada*, por atos tanto quanto por palavras, por certos gestos de repulsa ou satisfação, pela maneira como lemos um poema ou executamos uma peça musical, por quantas vezes lemos ou ouvimos a mesma peça, e como o fazemos. Essas diferentes formas de apreciação não têm uma coisa em comum que possamos isolar para responder a pergunta: 'o que é apreciação artística?'. Estão, sim, encadeadas por uma complexa série de 'semelhanças de família'. Desse modo: 'Não é apenas difícil descrever no que consiste a apreciação, mas impossível. Para descrever no que ela consiste, teríamos que descrever todo o contexto ambiental'.

Não existe mais uma definição, tampouco um padrão, para definir o que seja a arte. Cada uma é desenvolvida, refletida e contemplada mediante o jogo em que as pessoas estão inseridas. O Classicismo deu lugar ao Romantismo.

Se os jogos de linguagem são múltiplos e variados, como então se pode empregar o conceito *jogo*? Existe um universal platônico do jogo? Wittgenstein aponta esse problema ao perguntar:

Considere, por exemplo, os processos que chamamos de 'jogos'. Refiro-me a jogos de tabuleiro, de cartas, de bola, torneios esportivos, etc. O que é comum a todos eles? Não diga: 'Algo deve ser comum a eles, senão não chamariam 'jogos', – mas veja se algo é comum a eles todos. – Pois, se você os contempla, não verá na verdade algo que fosse comum a *todos*, mas verá semelhanças, parentescos, a até toda uma série deles. Como disse: não pense, mas veja! – Considere, por exemplo, os jogos de tabuleiro, com seus múltiplos parentescos. Agora passe para os jogos de cartas: aqui você encontra muitas correspondências com aqueles da primeira classe, mas muitos traços em comuns desaparecem e outros surgem. Se passarmos agora aos jogos de bola, muita coisa comum se conserva, mas muitas se perdem. – São todos 'recreativos'? Compare o xadrez com o jogo da amarelinha. Ou há em todos um ganhar e um perder, ou uma concorrência entre os jogadores? Pense nas paciências. Nos jogos de bola há um ganhar e um perder; mas se uma criança atira a bola na parede e a apanha

outra vez, este traço desapareceu. Vejo que papéis desempenham a habilidade e a sorte. E como é diferente a habilidade no xadrez e no tênis. Pense agora nos brinquedos de roda: o elemento de divertimento está presente, mas quantos dos outros traços característicos desapareceram! E assim podemos percorrer muitos, muitos outros grupos de jogos e ver semelhanças surgirem e desaparecerem.

E tal é o resultado desta consideração: vemos uma rede complicada de semelhanças, que se envolvem e se cruzam mutuamente. Semelhanças de conjunto e de pormenor (WITTGENSTEIN, 1979, p. 38-39, grifos do autor).

28

Nesta longa citação, nota-se que não há um jogo ideal ao modo platônico, o qual faria como que se empregasse o termo jogo aos particulares. O que existe são semelhanças de família entre os jogos. O fato do futebol e o voleibol utilizarem-se de um objeto esférico não determina que ambos possuam um denominador comum necessário, uma essência, uma vez que os jogos são completamente diferentes, apenas com semelhanças de família, semelhanças estas que podem ser designadas como um *parentesco*, e “esses parentescos presentes em todos os jogos de linguagem podem ser entendidos como uma complicada rede de ações e significações que mudam de um para outro jogo”, como assevera Valle (2012, p. 269).

O elemento definidor dos jogos de linguagem são as suas regras. O que faz com que um determinado jogo X seja diferente de um jogo Y é a atividade das pessoas de executarem regras já definidas.

2. O SEGUIMENTO DE REGRAS

Suponhamos que em uma sociedade X os membros costumam ler poesias de Fernando Pessoa todas as sextas-feiras, às vinte horas. Um determinado indivíduo, participante de uma sociedade Y, quer ingressar neste outro jogo. Todavia, o mesmo não aceita ler poesias de Fernando Pessoa todas as sextas-feiras, às vinte horas, mas aos sábados, às nove horas. Isso significa que ele não está jogando, uma vez que não segue as regras⁹.

De forma semelhante pode ser analisado o jogo de xadrez. Seguindo Fann (1992, p. 93-94, tradução nossa),

⁹ Existem discussões se o processo de seguir regras seja ou não uma atividade consciente. Como foge aos limites de nossa pesquisa, não nos ateremos a esse ponto.

para compreender o que é uma peça de xadrez deve-se compreender o jogo em seu conjunto, as regras que o definem e o papel da peça no jogo. De igual modo podemos dizer, o significado de uma palavra é o seu lugar em um jogo de linguagem. Em outras palavras, o significado de uma determinada palavra na linguagem vem <<definido>>, <<constituído>>, <<determinado>> ou <<fixo>> (usou as quatro expressões em diferentes ocasiões) pelas <<regras gramáticas>> com as que são usadas na linguagem¹⁰.

Assim como o sentido de uma palavra está em seu uso, em um determinado contexto (como no gesto napolitano proposto por Sraffa!), também as regras são constituídas e aplicadas pragmaticamente. Em outras palavras, “a significação de uma palavra é seu uso na linguagem.” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 28).

Por conseguinte, é impossível, por exemplo, determinar *a priori* uma melhor forma de governo. Se em uma determinada sociedade os membros jogam a democracia, e em uma outra joga-se a monarquia, então cada uma tem a sua própria forma de se autolegislar. Mais uma vez: talvez muitas das guerras da humanidade teriam sido evitadas se as sociedades compreendessem que cada uma tem o seu jogo de linguagem, a sua própria maneira de se relacionar com o transcendente. Se tivessem tal compreensão, provavelmente não se questionaria se os índios tinham ou não alma.

Seguir as regras, portanto, é o elemento fulcral para se participar de um jogo de linguagem. Também é perceptível que elas não são dadas *a priori*¹¹, mas fundamentadas na prática, no hábito de uma sociedade. Na ótica de Grayling (2002, p. 109),

seguir regras não é como um processo interno de entender algo como um cálculo que impõe objetivamente padrões de correção; é, antes, uma prática impregnada nos costumes e concordâncias de uma comunidade e como tal

10 Le-se no original: “*para comprender lo que es una pieza de ajedrez se debe comprender el juego en su conjunto, las reglas que lo definen e el papel de la pieza en el juego. De igual modo podemos decir, el significado de una palabra en su lugar en un juego de lenguaje. Dicho de otra forma, el significado de una determinada palabra en un lenguaje viene <<definido>>, <<constituído>>, <<determinado>> o <<fijado>> (usó las cuatro expresiones en diferentes ocasiones) por las <<reglas gramaticales>> con las que es usada en lenguaje.*”.

11 Valle (2012, p. 272, grifos do autor) corrobora com esta análise, asserindo que “as regras de convivência, que herdamos ao nascer, nos mantêm numa regularidade que fixa alguns traços de nossa cultura específica. Essas regras não são dadas *a priori*, não são produtos de uma mente alçada sobre o mundo. Elas não são exclusivas de um “*cogito* isolado”. Não estão no interior de um eu desengajado. Por isso [...] elas não podem ser vivenciadas em instâncias privadas”.

é essencialmente pública. As regras, de fato, guiam e fornecem padrões de correção, mas o fazem porque se baseiam na concordância; seguir uma regra corretamente é conformar-se às práticas estabelecidas na comunidade. Adquirimos a habilidade de usar expressões – de seguir as regras para seu uso – por meio de nosso treino como membros da comunidade.

A linguagem cotidiana, vista por muitos lógicos como permeada de lacunas e contrassensos (o *Tractatus*, como exemplo), ocupa o papel principal nas *Investigações*. Citado por Vasconcelos (2016, p. 85), Wittgenstein afirma que a linguagem comum é perfeita¹².

Ademais, nenhum jogo pode ser fidedignamente descrito a outrem. Apenas pela fala não se pode compreender como verdadeiramente funciona. Para uma pessoa que nunca ouviu falar sobre xadrez não compreende a importância e o papel do *Rei*. Ao assistir uma, duas, três partidas, todavia, o som da palavra *Rei* começará a ganhar sentido, pois a pessoa está percebendo, na prática, naquele jogo de linguagem, o que a palavra designa¹³. Portanto,

o uso precisa ser entendido como parte da vida, ou melhor, só pode ser realmente compreendido numa estreita correlação com a práxis humana. Existe umnexo causal entre a atividade linguística e a ação humana que se põe em evidência pelo uso. Caberia, portanto, admitir que se existe um fundamento extralinguístico para a linguagem; este só pode ser encontrado na atividade. (VALLE, 2003, p. 99)

Isso leva à conclusão de que não existe uma linguagem privada¹⁴, apenas coletiva. Não se pode desenvolver um jogo que uma pessoa, solitariamente,

¹² Isso caracteriza o movimento da chamada “Virada Pragmática”, a qual a linguagem comum se torna a via mais “segura” para se falar da realidade. Complementar com (VALLE, 2012, p. 262).

¹³ Em razão disso, Wittgenstein (1979, p. 88, grifos do ator) afirma o “porque ‘seguir uma regra’ é uma *práxis*. E *acreditar* seguir a regra não é seguir a regra. E daí não podermos seguir a regra ‘privadamente’; porque, se não, acreditar seguir a regra seria o mesmo que seguir a regra.”

¹⁴ Este é um problema muito vasto. Respeitando os limites de nossa pesquisa, limitar-nos-emos apenas em pontuar que o filósofo nega a existência de uma linguagem privada. De acordo com Vasconcelos (2016, p. 87), no que toca ao interior do homem, “falar das sensações, por exemplo, nada tem a ver com a maneira privada de nomear objetos. Ao contrário, podemos afirmar que há um caráter público, intersubjetivo na expressão das nossas vivências interiores por meio dos jogos de linguagem. Um conceito está ligado a um contexto de significação, isto é, de uso bastante amplo. A linguagem está ancorada na trama da vida e, conseqüentemente, a questão do interior só pode ser elucidada se não a tomarmos como uma caixa em que o próprio sujeito tem acesso ou que seja acessível apenas mediante o comportamento externo”.

possa jogar. Isso é muito elucidativo quando se fala em seres extraterrestres. Em filmes e documentários, eles são retratados, digamos, como seres humanos deformados. Contém pernas, braços, olhos e outros fatores da vida humana. Não há possibilidade de pensar em algo que não exista no mundo, em sociedade.

Após alguns apontamentos de uma antropologia wittgensteiniana, temos base suficiente para analisar e explicar a diferença entre a forma de vida humana e a forma de vida animal, concluindo a análise antropológica. Sabemos das discussões em torno do termo *lebensform*, mas não entraremos nesse debate. Partiremos da premissa de que, assim como entre os homens os jogos de linguagem são diferentes entre si, a forma de vida humana é significativamente diferente da forma de vida animal.

3. A FORMA DE VIDA HUMANA E A FORMA DE VIDA ANIMAL

A noção de seguir regras só é compreensível porque nossas ações não são desordenadas, elas estão ligadas a certas características da forma de vida humana, “para as quais não há nenhuma justificação causal” (DONAT, 2008, p. 90). É aqui que o conceito de forma de vida entra em questão. Wittgenstein o utiliza como o pano de fundo para os jogos de linguagem e também para contextualizar as diversas práticas da linguagem.

Se existe algum fundamento para a linguagem, esse diz respeito a “fatos naturais extraordinariamente gerais” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 63), esses fatos naturais estão conectados “tanto à natureza biológica e antropológica dos seres humanos quanto ao mundo em que estão inseridos” (DONAT, 2008, p.90). A afirmação de Wittgenstein (1979, p. 18) de que “o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida” quer chamar a nossa atenção para o fato de que nossos jogos de linguagem estão em conexão com atividades não-linguísticas e, portanto, devem ser compreendidos dentro desse contexto.

Uma interpretação do conceito de forma de vida é aquela explorada por Glock em seu *Dicionário Wittgenstein*, a saber, a interpretação naturalista. Segundo Glock, “uma forma de vida é uma formação cultural ou social, a totalidade das atividades comunitárias em que estão imersos os nossos jogos de linguagem” (GLOCK, 1998, p. 175). Tal modo de ver o conceito forma de vida pode estar relacionado a admitirmos que exista uma natureza biológica do ser humano e que “certos jogos de linguagem só são possíveis devido a certas características

biológicas dos seres humanos” (DONAT, 2008, p.90), por exemplo, os jogos de linguagem com termos perceptuais.

Podemos afirmar que a possibilidade de criar jogos de linguagem com as cores deve-se ao fato de que somos criaturas que têm a capacidade perceptual de discriminar cores, pois esses jogos de linguagem, como qualquer outro jogo de linguagem, é dependente daquilo que nós podemos ou não fazer (DONAT, 2008, p.91).

Todavia, o naturalismo de Wittgenstein é antropológico e não biológico. “Comandar, perguntar, contar, tagarelar pertencem à história de nossa natureza assim como andar, comer, beber, jogar” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 20). Essas ações são culturais, formas de interação com os outros. A história natural que Wittgenstein se refere “é a história de criaturas culturais, usuárias de linguagem” (GLOCK, 1998, p. 175). São as regularidades das ações, ou seja, os padrões de comportamento que constituem uma forma de vida.

O risco de supervalorizar a leitura naturalista do conceito forma de vida é o de cairmos em uma interpretação relativista, “como se Wittgenstein estivesse interessado em legitimar o multiculturalismo” (DALL’AGNOL, 2012, p. 49) e, conseqüentemente, associando tal noção a pluralidade das diferenças culturais, o que é equivocado. Wittgenstein toma o conceito de forma de vida como condição que necessariamente deve ser partilhada para que haja comunicação via linguagem. “Em uma leitura transcendental, as noções de jogo de linguagem e de forma de vida assumem o lugar de precondições (quase) transcendentais para a representação simbólica” (GLOCK, 1998, p. 174-175).

Portanto, podemos afirmar que a forma de vida é o dado injustificado da atividade humana e é parte de nossa história natural¹⁵. A forma de vida é o “arcabouço a partir do qual nossa linguagem atua” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 94), ou seja, é sob ela que nossa linguagem se assenta, o que envolve uma dimensão biológica e, sobretudo, cultural.

¹⁵ Ao participarmos de uma forma de vida, fazemos as coisas porque as fazemos. Mesmo que nos peçam justificações, poderemos ao máximo apresentar algumas razões. Todavia, essa cadeia de razões encontrará um fim e teremos que dizer: simplesmente é assim que agimos (WITTGENSTEIN, 1979, p. 91).

A forma de vida humana está interligada ao modo de viver humano¹⁶. A observação de Wittgenstein (1979, p. 216) nas *Investigações* de que, mesmo “se um leão pudesse falar, não poderíamos compreendê-lo”, quer ressaltar que, mesmo que os leões possuíssem uma linguagem felina de rugidos e rosnados, não poderíamos jamais aprendê-la, pois nosso modo de agir e nosso repertório comportamental, isto é, nossa forma de vida é muito distinta. O significado de nossas palavras está intimamente ligado a certas práticas humanas que compartilhamos

Historicamente, a linguagem é a possibilidade de comunicação entre os seres humanos. Compreender-se-á uma pessoa de outro país se a mesma aprender o seu idioma, os significados dos gestos, ou vice-versa. Por sua vez, a fala *era* a grande barreira para a comunicação entre homens e animais, uma vez que os últimos *não* falam. Quando uma pessoa se lesiona, ela branda, esbraveja, pede ajuda para uma outra. O animal, todavia, ao se lesionar, *não fala* em qual região do corpo está a ferida, tampouco corre para algum hospital. Portanto, se os animais pudessem *falar*, então haveria comunicação entre homens e animais? Wittgenstein responderia que não. Na segunda parte das *Investigações*, a célebre conclusão do filósofo marca uma significativa cisão entre o mundo humano e o mundo animal: “se um leão pudesse falar, não poderíamos compreendê-lo.” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 216).

Assim como os jogos de linguagem são múltiplos, também múltiplas são as formas de vida. Isso porque o que caracteriza as formas de vida são os modos que cada grupo vive, de acordo com determinadas regras, costumes e hábitos. Viver em determinada forma de vida é concordar e seguir regras lá já estabelecidas: “com a forma de vida em que vivem, agem, julgam e falam, as pessoas adotam uma rede de certezas às quais estão atadas de maneira mais profunda” (GEBAUER, 2013, p. 20). Em outras palavras, as formas de vida são o “lugar” onde se efetivam os jogos de linguagem e “o jogo de linguagem é uma atividade que tem como pano de fundo uma forma de vida partilhada. Não basta conhecer as regras gramaticais, é preciso participar de uma comu-

¹⁶ Podemos defender “que Wittgenstein chega a assumir um padrão único, comum a toda a humanidade, de comportamento que serve para interpretarmos línguas estrangeiras. Como ele escreveu no parágrafo 206: ‘O comportamento comum da humanidade (die gemeinsame menschliche Handlungsweise) é o sistema de referência através do qual nós interpretamos uma linguagem desconhecida.’ Claramente, há um padrão comum a todos os seres humanos: todos partilhamos da mesma forma-de-vida. Por exemplo, todos sorrimos e a multiplicidade de línguas na qual expressamos isso, seja “sorrir” ou ‘to smile’, etc. é ancorada nessa prática (DALL’AGNOL, 2009, p. 290)

nidade cultural” (VASCONCELOS, 2016, p. 91). Quanto mais variáveis os jogos, mais variáveis as formas de vida.

Por conseguinte, o mundo animal é diferente do mundo humano. A diferença não consiste somente em um ser irracional e o outro, racional¹⁷. A cisão encontra-se nas diversas formas de vida. Existe um agir comum aos animais, vistos de maneira ampla, e, ao mesmo tempo, existe um agir comum aos homens enquanto humanidade. Seguindo Arruda Júnior (2017, p. 117, grifos do autor), “é em virtude de os homens compartilharem a mesma *forma de vida* que essa constitui o sistema de referência por meio do qual podemos interpretar uma língua desconhecida, e também distinguir modos de agir *normais* daqueles *anormais*.”, entendendo por anormais os que fogem ao seguimento das regras.

Uma das regras da atual sociedade, por exemplo, é a translação do planeta Terra e os demais astros com relação ao Sol. Se um indivíduo disser que isso está errado, e Ptolomeu continuar certo, o mesmo será rotulado como louco. O grande desafio não é justificar qual está certo e qual está errado, mas compreender que a percepção do mundo pode variar entre as formas de vida. Esse exemplo ilustra bem a distinção entre a forma de vida humana e a forma de vida animal, uma vez que a percepção do mundo do humano é significativamente diferente da percepção do animal. Uma baleia não percebe o mundo da mesma forma que um humano o percebe, pois as *formas de vida* são diferentes. Por conseguinte, toda tentativa humana de compreender o mundo animal está fadada ao fracasso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A antropologia wittgensteiniana, nas *Investigações*, parte da análise da linguagem ordinária. Dissolvendo os empecilhos filosóficos, mostrando à mosca a saída do vidro, o filósofo dá diversos exemplos, de diferentes contextos, a fim de revelar que não há uma única linguagem, uma forma geral da proposição, desvencilhando-se, parcialmente, de sua primeira obra, a saber, o *Tractatus*.

A relação figurativa da linguagem com o mundo, sendo a linguagem um modelo da realidade, foi substituída pelos conceitos de jogos de linguagem, seguir uma regra, semelhanças de família e formas de vida. O sentido das

¹⁷ Ou o animal uma máquina e o homem uma coisa que pensa, como queria Descartes.

palavras já não está mais na sua verificação empírica, independentemente do contexto cultural. Ao contrário: o que define o sentido de uma palavra é o seu uso, em cada jogo de linguagem, a partir de determinadas regras, dentro de uma forma de vida. O cogito solipsista foi suplantado por uma “consciência” intersubjetiva, negando a existência de uma linguagem privada.

Por sua vez, sendo o objetivo principal da pesquisa, a distinção entre os homens e os animais não se limita ao ato de falar ou simplesmente de raciocinar. A grande cisão entre ambos, a qual sentenciará uma incomunicabilidade entre eles, consiste na diferença entre as formas de vida. O homem, enquanto ser “relacional”, só compreende as regras de uma forma de vida imerso nela, estranhando o diferente, uma vez que não faz parte do jogo de linguagem em que está inserido. A sua percepção da realidade é significativamente distinta de um outro jogo de linguagem, como no caso das religiões citadas ao longo do texto. Se entre as próprias culturas há diferenças entre o modo de se compreender o mundo, é imprescindível asserir que a diferença com o mundo animal é ainda mais polarizada.

REFERÊNCIAS

ARRUDA JÚNIOR, Gerson Francisco de. **10 lições sobre Wittgenstein**. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 135 p. (Coleção 10 Lições)

DALL'AGNOL, Darlei. A vida e a obra de Ludwig Wittgenstein. In: DALL'AGNOL, Darlei; FATTURI, Arturo; SATTLER, Janyne (Org.). **Wittgenstein em retrospectiva**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012. Cap. 1, p. 9-47.

DONAT, Mirian. **Linguagem e significado nas Investigações Filosóficas de Wittgenstein**: uma análise do argumento da linguagem privada. 2008. 161 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

FANN, K. T. **El concepto de filosofía en Wittgenstein**. 2 ed. Madrid: Tecnos, 1992. 140 p.

GEBAUER, Gunter. **O pensamento antropológico de Wittgenstein**. Tradução de Milton Camargo Mota. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013. 223 p.

GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

GRAYLING, A. C. **Wittgenstein**. São Paulo: Loyola, 2002.

MONK, Ray. **Wittgenstein: o dever do gênio**. Tradução de Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VALLE, Bortolo. **Wittgenstein: a forma do silêncio e a forma da palavra**. 1. ed. Curitiba, Champagnat, 2003. 128 p. (Coleção Filosofia, 2)

_____. Wittgenstein: o seguimento de regra como a melhor imagem da alma humana. In: SGANZERLA, Anor; VALVERDE, Antonio José Romera; FALABRETTI, Ericson (Org.). **Natureza humana em movimento**: ensaios de antropologia filosófica. São Paulo: Paulus, 2012. p. 260-279. (Coleção filosofia)

VASCONCELOS, Thiago. O estatuto de um enfoque antropológico nas *Investigações Filosóficas*. **Revista Filosófica São Boa Ventura**, Curitiba-PR, v. 10, n. 2, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://revistafilosofica.saoboaventura.edu.br/filosofia/article/view/28>>. Acesso em: 15 mai. 2020.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Tradução de José Carlos Bruni. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. 222 p. (Os pensadores)